

CONECTADOS NA LEITURA: PRÁTICAS COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NOS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL

Larisse dos Santos de Souza¹
Orientadora: Elzicleia Tavares dos Santos²
Priscila Alves Pereira³

RESUMO

O artigo apresenta uma vivência como bolsista de iniciação à docência (IDs), no subprojeto: “Cultura digital e tecnologias digitais móveis: práticas interdisciplinares no Ensino Fundamental”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O subprojeto integra o Núcleo PIBID do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação, Campus X, que tem como objetivo inserir as tecnologias digitais móveis no processo ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Entendemos que o avanço das tecnologias digitais na sociedade contemporânea não pode ser descartado no processo de apropriação do conhecimento pelos sujeitos na cultura digital. O relato de experiência é oriundo das intervenções pedagógicas realizadas na Escola Municipal Recreio, em Teixeira de Freitas - BA. A reflexão da experiência se deu a partir dos autores: Bonilla e Pretto (2015); Coscarelli e Ribeiro (2017); Ferreira (2000); Freire (2003); Martins (1983); Soares (2021); Kenski (2012). Assim, são descritas as atividades desenvolvidas com práticas de leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando o que foi possível ser realizado devido às poucas tecnologias digitais na escola. Destaca-se a imersão das crianças na cultura digital por meio dos celulares de seus familiares no acesso aos jogos e ao *TikTok*. A reflexão das ações realizadas permite inferir que elas trouxeram contribuições tanto para o processo de ensino e aprendizagem das crianças envolvidas, quanto para a bolsista do PIBID, licencianda em Pedagogia, no futuro exercício da docência atenta às demandas da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Iniciação à docência, Alfabetização, Letramento, Tecnologias digitais, PIBID, Pedagogia.

INTRODUÇÃO

Com a proposta de melhorar a formação docente no Brasil, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, vem se constituído como uma das políticas públicas significativas para a formação de professores em nosso país. No estudo de Gatti, André, Gimenes, Ferragut, (2014, p. 56) foi possível ver que:

Há o reconhecimento de que o contato orientado com a escola e a sala de aula contribui com a formação dos Licenciandos agregando maior sentido à formação acadêmica, muitas vezes contribuindo para uma troca de conhecimentos mais significativa nas aulas e atividades na universidade, e ainda para a melhoria no

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/ Campus X, Bolsista PIBID/UNEB – Licenciatura Plena em Pedagogia, larissedossantosdesouza@gmail.com.

² Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/ Campus X, coordenadora de área do Núcleo PIBID Pedagogia no Departamento de Educação, Campus X, eltsantos@uneb.br.

³ Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB / Campus X, coordenadora voluntária de área do Núcleo PIBID Pedagogia no Departamento de Educação, Campus X, papereira@uneb.br

desempenho do próprio estudante. Contribui para o clareamento de conceitos e a formação de pensamento crítico, ajudando a superar dificuldades nas disciplinas do curso.

Compartilhando a compreensão da relevância do PIBID na formação dos licenciandos no Curso de Pedagogia, foi proposto o Núcleo PIBID no Departamento de Educação, Campus X da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Teixeira de Freitas-BA, através do subprojeto: “Cultura digital e tecnologias digitais móveis: práticas interdisciplinares no Ensino Fundamental”, vinculado ao projeto Institucional do PIBID da UNEB em 2022. O subprojeto tem como centralidade o uso das tecnologias digitais móveis no processo ensino aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Entendemos que o avanço das tecnologias digitais na sociedade contemporânea não pode ser descartado no processo de apropriação do conhecimento pelos sujeitos na cultura digital.

O relato de experiência aqui proposto emergiu das ações do referido subprojeto a partir do seu desenvolvimento em uma das escolas municipais da cidade de Teixeira de Freitas – BA, parceira do PIBID, que atende educandos do 1º e 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir dos objetivos do subprojeto, o bolsista, após observar e participar das atividades na sala de aula da professora regente, propõe um projeto articulando a vivência na escola com a temática do subprojeto orientador. Assim, nasceu o projeto: “Conectados na leitura: leitura/escrita e oralidade com tecnologia digital móvel com turmas do 1º ano do Ensino Fundamental”. Desse modo, o objetivo do texto é abordar a vivência no projeto, refletindo o sentido dessa ação para a bolsista de Iniciação à Docência, promovendo o pensar acerca das diversas linguagens e suas múltiplas experiências na interação das tecnologias digitais móveis com a leitura/escrita.

Para subsidiar as reflexões, recorreremos aos seguintes autores: Bonilla e Pretto (2015); Coscarelli e Ribeiro (2017); Ferreiro (2000); Freire (2003); Martins (1983); Soares (2021); Kenski (2012). A organização do artigo conecta três partes. A primeira, explicita a contextualização da experiência; a reflexão em sua dimensão teórica está na segunda parte; e por fim, tecemos as considerações sobre a experiência vivida/refletida.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Iniciamos a observação da realidade da sala de aula e da escola municipal Recreio em fevereiro de 2023, por um período de três meses. Após esse período, nós e os demais bolsistas ID, que no total são oito (08), em reuniões de formação com a professora supervisora do PIBID, discutimos as demandas da turma que acompanhava. Assim, chegamos ao consenso de que seria imprescindível desenvolver um projeto que envolvesse leitura/escrita e oralidade;

tecnologias digitais. Assim nasceu o projeto: “Conectados na leitura: leitura/escrita e oralidade com tecnologia digital móvel com turmas do 1º ano do Ensino Fundamental”.

Desde o período de observação na escola e na sala de aula, nos deparamos com um grande obstáculo: a falta de equipamentos tecnológicos móveis que pudessem ser utilizados na sala de aula. O prédio da escola estava em reforma, e a mesma passou a funcionar em prédio de uma extinta escola particular. Nesse local, havia uma pequena sala com três (3) computadores, que não era utilizada no desenvolvimento das atividades da escola. Em diálogo com as crianças, soubemos que das vinte (20) crianças da turma, apenas quatro (04) possuíam o celular próprio e dezesseis (16) educandos usavam o celular dos pais.

Tal realidade fez emergir o questionamento: como desenvolver um subprojeto do PIBID que envolve o uso de tecnologias digitais móveis, uma vez que a escola não dispunha de tablets, não havia computadores com acesso à Internet e as crianças possuíam pouca idade para levar celulares de casa para a escola?

Apesar da realidade desanimadora, resolvemos desenvolver o projeto com os poucos recursos disponíveis na escola. Por isso, tivemos que recorrer ao datashow, som, papel, celular da bolsista e 01 tablet da escola, uso de vídeos, músicas e outros recursos pedagógicos. Essas foram as tecnologias que estavam ao nosso alcance naquele momento e partimos delas para pensar em práticas didáticas diferenciadas.

A turma na qual o projeto foi desenvolvido tinha vinte (20) crianças, entre seis e sete anos de idade, em diferentes fases de apropriação da escrita. Das vinte (20) crianças, quatro (04) estavam alfabetizadas. As demais estavam no nível silábico com valor e pré-silábicas, levando em consideração os níveis de escrita discutidos por Ferreiro e Teberosky (1999).

Como na escola as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, possuem quatro professoras: (1) Ciências/Matemática; (2) Ed. Física; (3) Religião/Português; (4) História e Geografia, o tempo de cada aula é de cinquenta minutos, podendo a professora permanecer na sala por uma ou mais aulas, a depender do dia da semana. A opção foi de desenvolver o projeto nas aulas de Português, observando os dias e a carga horária das bolsistas na escola, duas vezes na semana. Nesse processo, consideramos também os conteúdos previstos no planejamento da professora regente.

No primeiro momento, conversamos com a turma sobre as tecnologias digitais presentes na sociedade e sua evolução. Em grupo, as crianças produziram um cartaz sobre o que elas entendiam por tecnologias digitais e não digitais. Nessa atividade, foi possível observar que para elas, a tecnologia se resumia apenas a celulares, tablets e computadores. Diante dessa demanda, a produção do cartaz foi realizada da seguinte forma: de um lado

colaram recortes de celular, computador, avião e bicicleta, como eram no início do seu surgimento e do outro lado, como são atualmente. A proposta da atividade, além de apresentar as tecnologias digitais presentes em nosso meio, era refletir como os recursos tecnológicos vem passando por alterações constantemente em nossa sociedade.

No segundo momento, realizamos a construção de histórias, a partir de imagens em slides projetadas pelo projetor multimídia da escola. Dessa forma, a medida que cada imagem ia aparecendo na projeção, a criança contava a história de acordo com a leitura que ela fazia do que estava vendo, a partir do seu olhar e do que a imagem significava para ela. Assim, uma cena dava continuidade a outra, ao final, juntas construíram uma única história. Algumas crianças tiveram dificuldade em dar continuidade a história que o colega tinha iniciado, mas elas ajudaram uns aos outros e de forma coletiva e colaborativa construíram uma única história. Essa atividade incentivou a expressão individual a partir da oralidade e nos possibilitou perceber o nível que a turma se encontrava quanto a organização de sequência na construção de uma narrativa.

No terceiro momento, realizamos uma roda de conversa sobre o uso dos celulares com acesso a internet. Já tínhamos conhecimento de que quatro (04) crianças possuíam o celular próprio e dezesseis educandos usavam o celular dos pais, o que nos fez perceber que independente de ter o próprio aparelho, todos faziam uso constantemente do celular fora da escola. Eles listaram os jogos que mais gostavam de usar na rede: *Free Fire*, *Minecraft* e *Roblox*. A maioria dos estudantes tinham acesso a esses jogos ao usar o celular dos pais e acompanhavam as postagens no *TikTok*. Discutimos os cuidados ao acessar o chat dos jogos virtuais, pois não sabemos quem de fato está do outro lado da tela e passar informações pessoais. Nessa roda, também discutimos sobre o uso excessivo do celular e que era essencial revezar as atividades, para movimentar o corpo, brincar e conversar com outras crianças presencialmente. As crianças gostaram da discussão, pois puderam falar sobre o que acessam na internet. No quarto momento, foi realizada uma roda de leitura, na qual as crianças, sentadas no chão da sala, passavam de mão em mão uma caixa personalizada com palavras dentro, embaladas ao som de uma música. Quando a música parava, a criança que tinha ficado com a caixa retirava uma palavra e fazia a leitura. Assim se seguia até que todos participassem, lendo sem mediação do colega ao da bolsista.

Dessa maneira, nesses quatro momentos, foram realizadas atividades que visavam a prática da leitura/escrita e oralidade com o uso das tecnologias digitais, não da forma como foi inicialmente almejado, mas da maneira possível, diante dos poucos recursos tecnológicos disponíveis.

Trabalhar o processo de alfabetização e letramento de forma dinâmica a partir dos recursos tecnológicos digitais móveis não foi uma tarefa simples. Apesar de não estar com o celular em sala de aula, as crianças tinham estreitas relações com os celulares dos pais, sendo possível refletir os cuidados com as tecnologias digitais na vida das crianças, levando em consideração a leitura de mundo que a criança possuía a partir das suas interações sociais na cultura digital.

Durante a pandemia do Covid-19, foi possível perceber a dificuldades das escolas da rede municipal em ter contato com pais e alunos e em realizar o ensino remoto, justamente pela falta de recursos tecnológicos tanto do lado da escola e dos docentes, quanto das famílias que tinham um aparelho, mas que também precisava usar para trabalhar. No período do ensino remoto, a Secretaria Municipal de Educação, solicitava vídeos dos professores a serem encaminhados aos celulares dos pais por meio do *WhatsApp*, mas poucos tinham acesso. Assim, decidiram pelo uso das atividades impressas que eram entregues às famílias a cada quinzena.

Pensamos que pela grande dificuldade que passaram na pandemia para usar os recursos tecnológicos, no retorno ao ensino presencial, a realidade atual fosse outra. Mas percebemos que com o fim da pandemia, também tivemos o fim da relação da escola municipal com celular para as crianças realizarem atividades.

Entendemos que seria interessante que o celular e demais dispositivos tecnológicos pudessem integrar as atividades escolares e se tornarem recursos comuns no interior das escolas. Assim, no que diz respeito aos anos iniciais do Ensino Fundamental, foco do nosso relato, é possível fazer o seguinte questionamento: Como as tecnologias digitais podem colaborar no processo de alfabetização e letramento das crianças? Para essa discussão recorreremos à concepção de tecnologia de Kenski (2012, p. 23):

O conceito de tecnologias engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações, mais adiante vou me dedicar a conceituar tecnologia. Neste momento, quero apenas mostrar que existem muitas tecnologias ao nosso redor que não são máquinas. Os exemplos mais próximos são as próteses - óculos e dentaduras - e os medicamentos. Fruto de descobertas para as quais contribuem os estudos de muitos cientistas das mais diversas áreas, são tecnologias que ajudam a espécie humana a viver mais e melhor.

Portanto, a tecnologia, para a autora, não se restringe tão somente a equipamentos digitais de última geração, pois cada época contou com uma tecnologia do seu período

histórico, inventadas pelo homem na busca de sua sobrevivência na sociedade. Dessa forma, a própria linguagem é considerada uma tecnologia, isso porque foi uma criação do homem visando se comunicar.

A escrita, considerada uma tecnologia, além de servir como meio de comunicação, também serve como um importante registro das histórias vividas para não se perderem no tempo e estarem disponíveis para gerações vindouras. Desse ponto de vista, cada inovação tecnológica foi criada visando atender uma necessidade humana. Assim, não tem como dissociar a educação da tecnologia, isso porque o processo educativo é fruto da ação tecnológica e, além disso, é de grande relevância que o processo ensino aprendizagem faça uso dos recursos disponíveis em seu momento histórico, momento esse, com uma gama de criações que poderiam ajudar no processo de alfabetização e letramento.

Partindo desse pressuposto, a leitura de mundo do sujeito no contexto de uma sociedade permeada pela tecnologia é diferente das gerações que não tinham contato com todos esses recursos. Hoje, vimos que desde bem cedo as crianças são expostas às telas de tablets ou celulares acompanhando vídeos no *YouTube* e jogos em diferentes aplicativos. Ainda sem o domínio do sistema de escrita alfabética, elas conseguem acessar o que querem assistir, clicando em ícones que já são naturais e seguem “futucando” tudo que ver na tela. Dessa forma, compreendemos que a ausência do domínio da leitura e da escrita não inviabiliza que essas crianças já vivenciem práticas letradas e consigam interagir de forma eficiente “[...] em diversos ambientes e usos de ferramentas de design de textos que são multimodais, em vez de depender apenas da modalidade escrita” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 22).

Esse contexto em que as crianças atuais estão inseridas exige das mesmas algum nível de letramento digital e tal realidade deveria ser considerada pela escola a fim de promover uma aprendizagem sintonizada com seu momento histórico. Decerto que as formas de aprender também mudam, tendo em vista que não existe um método de aprendizagem que vá funcionar para todos de uma maneira geral, por isso se faz fundamental compreender como a criança aprende, considerando seus conhecimentos prévios, para assim trabalhar o conhecimento sistematizado.

Refiro-me que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa

Por conseguinte, a criança chega na escola com uma gama de estímulos visuais e sonoros, ícones, imagens, signos, apreendidos no seu convívio em uma sociedade rodeada de telas digitais, onde os textos se configuram de forma multimodal. Essa leitura é adquirida com as experiências advindas do dia a dia, sendo fruto tanto da relação social quanto da relação sujeito objeto, isso porque assim como a criança aprende com o outro, também aprende com o meio digital. Assim, a tecnologia digital já faz parte da cultura do sujeito, de forma que enviar uma mensagem, fazer uma ligação, assistir ou jogar o que gosta em qualquer hora já não é novidade. Diante disso, se faz necessário, que o ensino seja pensado levando em conta a cultura digital presente na sociedade.

A presença de uma determinada tecnologia pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino. Um pequeno exemplo disso é o ensino de um idioma baseado exclusivamente nos livros didáticos e na pronúncia da professora em aulas expositivas. Ele será bem diferente do mesmo ensino realizado com apoio docente, mas com a possibilidade de diálogos, conversas e trocas comunicativas, entre os alunos, o uso de vídeos, fitas cassete e laboratórios interativos, por exemplo. (KENSKI, 2007, p. 44).

Portanto, aplicativos e plataformas digitais podem ser de grande importância no processo de alfabetização e letramento. Uma vez que a alfabetização, de acordo com Soares (2021) se configura a partir de três facetas, cabe à escola trabalhar com a perspectiva linguística, referente ao domínio do sistema de escrita alfabética, mas também a valorização das perspectivas interativa e sociocultural que estão ligadas com a forma com a língua é utilizada para viabilizar a comunicação entre as pessoas e as diferentes formas e usos que ela assume nos diversos contextos sociais. Entendemos que as três facetas são importantes quando se trata da formação do sujeito para atuação no contexto de uma sociedade que é cada vez mais digital. Para tanto, utilizar as tecnologias digitais móveis ou não em sala de aula, por si só, não garante uma aprendizagem significativa, isso porque os recursos tendem a ser usados para substituir instrumentos pedagógicos tradicionais e transpor do analógico para o digital, sem alterar a forma de ensinar. Assim, quando além da exposição do conteúdo, o professor consegue trabalhar com o conhecimento por meio da interação, conexão, colaboração e autoria, poderá possibilitar ao educando uma aprendizagem significativa e participação ativa nas aulas.

Para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença. Não basta usar a televisão ou o computador, é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia

Nessa perspectiva, para além da escola possuir os equipamentos tecnológicos e rede de conexão à internet, é imprescindível um planejamento dos docentes e a gestão pedagógica de formas de trabalhar com as tecnologias digitais em sala de aula. A formação continuada dos professores também é um fator importante, no qual eles podem explorar ferramentas tanto para sua própria formação, quanto para ensinar os conteúdos. Para isso, os cursos de formação para o professor aprender a inserir as tecnologias digitais em suas práticas pedagógicas precisam ultrapassar as barreiras técnicas de uso dos recursos.

Um dos pontos mais críticos para a estruturação de um modo horizontal de organização das escolas e da educação brasileira diz respeito à formação de professores. Precisamos superar a ideia de treinamento, muitas vezes em aligeirados cursos, visando à preparação técnica para o uso de computadores, para, no máximo, servir como certificação para promoção na carreira dos docentes. (BONILLA e PRETTO, 2015, p. 508).

Então, mesmo a tecnologia fazendo parte da sociedade e sendo integrada nas escolas, ainda existe uma grande demanda de profissionais que não possuem formação nessa área e, muitos dos que passaram por essa formação foi visando apenas adquirir um certificado válido no currículo. Seria interessante que nos cursos de formação inicial e continuada os professores pudessem ter a oportunidade de explorar o uso de redes sociais, blogs e aplicativos para a produção de atividades, ultrapassando a barreira tecnicista de muitos cursos, e um caminho possível para usar a tecnologia digital de maneira consciente e crítica no processo de ensino e aprendizagem da criança.

Para isso, precisamos dominar a tecnologia da informação, estou me referindo a computadores, softwares, internet, correio eletrônico, serviços., que vão muito além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla do teclado ou usar um mouse. Precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos a informação, sejamos capazes de extrair conhecimento. (COSCARELLI e RIBEIRO, 2017, p. 08).

Os recursos tecnológicos utilizados em sala de aula podem se alterar a cada nova invenção, mas a intencionalidade de uso não se altera e perpassa pela atuação do professor. Por isso, Kenski (2007) discute a respeito dos vídeos que muitas vezes são trabalhados em sala de aula apenas como uma forma de preencher o tempo que resta da aula, sem considerar a potencialidade do recurso. Não seria o fato de usar o vídeo que tornaria a aula inovadora e com uso da tecnologia, mas o uso do vídeo como “tapa buraco” para os momentos em que o professor não está trabalhando algum conteúdo. Tal prática leva as crianças a pensar que não se aprende por meio da linguagem audiovisual, imagética do vídeo e o conhecimento que poderia ser apreendido pelo seu uso, não é sequer discutido com os educandos.

Diante disso, nesses formatos de aulas com o uso de vídeos, filmes ou imagens, por meio do projetor multimídia e/ou celular/tablet e computador, é importante realizar uma roda de conversa, a fim de ter uma escuta sensível em sala de aula, com o intuito de ouvir o que as crianças têm a dizer sobre o que assistiram. Assim, o educando desenvolve a prática da oralidade, expondo seu ponto de vista e suas dúvidas a respeito do que está abordado em sala de aula. Dessa forma, a aula se torna significativa e há uma troca de experiências e saberes.

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 1994, p. 30).

Por conseguinte, a leitura não se restringe tão somente ao texto escrito, mas pode estar presente no formato de vídeo, imagem, teatro, dança, música, dentre outros. Limitar o ato de ler apenas ao material impresso é impedir o sujeito de ter acesso a diferentes lentes da leitura, principalmente no que diz respeito à linguagem digital. Os tipos de leituras aqui expostas vão além da transcrição gráfica, que por si só já é uma tecnologia, mas tem relação com o ouvir, ver e sentir, um conjunto de sentidos proporcionados pela leitura, mediada do uso das tecnologias digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do subprojeto: “Conectados na leitura: leitura/escrita e oralidade com tecnologia digital móvel com turmas do 1º ano do Ensino Fundamental” foi possível, porém no decorrer do processo, vários desafios foram vivenciados. A ausência de equipamentos tecnológicos na escola, causou, inicialmente, um impasse, fazendo com que precisássemos alterar as atividades pensadas, o que foi possível. Assim, na realização do subprojeto, envolvemos atividades como: rodas de conversa sobre a presença do celular em suas vidas, levantamento sobre acesso ao celular, identificação do que gostavam de jogar, cuidados com o uso do celular, socialização de vídeos, uso da música e slides com imagens projetados no datashow para a criação de histórias orais coletivas. Além do uso desses recursos, os encontros foram pensados de forma com que as crianças se envolvessem e participassem de maneira voluntária no momento de realização e socialização das atividades.

Ao longo do desenvolvimento do subprojeto foi possível perceber a contribuição que o mesmo trouxe para a disciplina de Português. As crianças da turma que, antes tinham dificuldade em se expressar, começaram a participar ativamente desses momentos,

incentivadas pelo uso das tecnologias presentes. Já as crianças que estavam com dificuldade na leitura e escrita, passaram a escrever palavras com sílabas simples, tendo em vista que o projeto caminhava consoante os conteúdos trabalhados na disciplina de Português e que os estudantes estavam em processo de alfabetização.

Identificamos que as crianças da escola que acompanhamos estão indiretamente imersas na cultura digital, algumas a partir de seu próprio celular e a maioria através do uso do celular dos pais. Elas demonstraram conhecer jogos e várias tarefas que podem ser realizadas pelo aparelho conectado à internet. No entanto, suas relações e conhecimentos nessa área, não atravessam os muros da escola e na maioria das vezes, são desconhecidos pelos docentes. Nesse sentido, precisamos discutir com as crianças desde cedo sobre limites de tempo no aparelho e o uso seguro e crítico dessas tecnologias digitais. Mesmo que elas não tenham celulares que possam levar à escola, em casa elas têm contato com o mundo das redes sociais como *TikTok*, jogos online, vídeos no *YouTube*, etc. e a ausência de habilidade de letramento digital pode trazer prejuízos à vida das crianças.

Portanto, o conhecimento de mundo que a criança leva para a escola, vinda da sua relação indireta com as tecnologias digitais móveis em casa, poderia ser articulado com o uso de recursos tecnológicos presentes na escola, especialmente no processo de alfabetização e letramento dessas crianças. Nesse ínterim, analisamos que a elaboração desse relato de experiência, permitiu refletir que a teoria e prática se apresentaram indissociáveis durante o desenvolvimento do projeto, tanto em sala de aula quanto no planejamento dos encontros. A reflexão das ações realizadas permite inferir que elas trouxeram contribuições tanto para o processo de ensino e aprendizagem das crianças envolvidas, quanto para os bolsistas do PIBID, licenciandos em Pedagogia, no futuro exercício da docência atenta às demandas da sociedade contemporânea.

Assim, o PIBID proporciona aos graduandos a oportunidade do contato com a sala de aula além do estágio supervisionado, experiência essa que demonstra a realidade das escolas municipais e abre novos caminhos para a pesquisa. A partir desta vivência, questões podem ser levantadas e novos estudos realizados. Nessa perspectiva, estar na instituição escolar possibilita conhecer o contexto a qual os alunos estão inseridos e quais as possíveis metodologias e estratégias a serem desenvolvidas durante o projeto. Além disso, contribui para a escolha da área de atuação educacional, tendo em vista que o pedagogo pode trabalhar em vários setores da escola, seja ele sala de aula ou não.

REFERÊNCIAS

BONILLA, Maria Helena; PRETTO, Nelson De Luca. **Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais**. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n2p499>. Acesso em: 28 de julho de 2023.

COSCARELLI, Carla Viana. RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3ª ed. Autêntica, 2007

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE. Paulo. **A Importância do ato de ler** - 45. Ed. - São Paulo. Cortez, 2003.

GATTI, B.A.; André, M.E.D.A.; Gimenes, N.A.S.; Ferragut, L (2014). **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)**. Textos FCC, São Paulo: FCC/SEP.

KENSKI. Moreira Vani. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação** - 8º ed. - Campinas, SP. Papirus, 2012.

KALANTZIS, Mar; COPE, Bill; PINHEIRO, Petronilson. **Letramentos**. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2020.

MARTINS. Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2021.